

hermenêutica moderna. A Constituição "Gaudium et Spes" reconcilia Igreja e modernidade. A Declaração "Dignitatis Humanae" consagra a liberdade religiosa e a liberdade de consciência. Por esta razão, os movimentos atuais de cunho fundamentalista insurgem-se contra o Concílio e alimentam uma utopia anti e pré-conciliar. O maior deles é o fundamentalismo-integrismo que sobrou do cisma do bispo *Lefèbvre* e que tomou como bandeira a restauração litúrgica a partir da missa tridentina em latim e a rejeição da liberdade de consciência a partir do princípio de que o erro tem direitos. No Brasil é conhecida a sociedade *TFP, Tradição, Família e Propriedade* que apela para o catolicismo dos tempos gloriosos em que Igreja e Estado caminhavam juntos e defesa dos grandes princípios simultaneamente políticos e religiosos: Tradição, Família, Propriedade.

Tendências fundamentalistas

Na Igreja Católica, movimentos fundamentalistas organizados como sociedade são poucos. O que mais se encontram são tendências fundamentalistas presentes

como dimensões de sociedades, grupos e mesmo instituições que, em sua essência não são fundamentalistas.

Não é difícil notar tendência fundamentalista em mensagens de revelação particulares, seja precorrendo a salvação por meio de alguma devoção, seja insistindo na maldade de "hoje". No campo da moral parece fundamentalista o constante apelo à natureza "abstrata" como critério definitivo para julgamentos sobre bem e mal. Fundamentalista é, sem dúvida, a tendência de relegar para segundo plano a presença da mulher na Igreja. O Novo Catecismo que de modo geral merece louvor, faz, no entanto, uma cabal leitura fundamentalista dos três primeiros capítulos do Gênesis bem como de textos apocalípticos do Novo Testamento. Em pleno coração da modernidade democrática, afirma ainda que a autoridade civil vem de Deus, na velha perspectiva da "ordem estabelecida".

Monsenhor Roberto Mascarenhas Roxo é Doutor em Teologia e História e Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras - FAI.
Endereço: Av. Nazaré, 993
Ipiranga - SP CEP 04263-100

O HINO "CRISTO RESSUSCITOU"*

Relato e Análise de uma experiência litúrgica, como contribuição para a metodologia da Ciência Litúrgica

Ione Buyst

1.1. O hino "Cristo Ressuscitou" consta no *Ofício Divino das Comunidades* (livro e fitas), como um dos possíveis hinos para o tempo pascal. O autor da letra é *Reginaldo Veloso*, bastante conhecido entre nós, tanto por sua atuação nas comunidades de base, como também como poeta e compositor de músicas para as celebrações litúrgicas. A música é uma das muitas versões de um hino pascal medieval germânico, espalhado por toda a Europa, hino muito popular, do qual a partitura mais antiga de que temos conhecimento, data de 1160 e é originária de Salzburgo, na atual Áustria. *Reginaldo Veloso* conheceu a música na Itália anos atrás, e expressou na letra a fé pascal da Igreja latino-americana, Igreja dos pobres, lutando por sua libertação:

**Cristo ressuscitou,
o sertão se abriu em flor,
da pedra água saiu,
era noite e o sol surgiu,
Glória ao Senhor!**

1- *Vocês que tristes 'estão,
que gemem sob a dor,
na dor de sua paixão,
Deus se irmanou.*

2- *Vocês que pobres são,
que temem o opressor,
por sua ressurreição,
Deus nos livrou.*

1.2. O que fiz e fizemos com este hino e o que o hino fez conosco? No tempo pascal, durante três anos seguidos, cantei este hino no ofício divino (liturgia das horas), manhã e tarde, observando e registrando o que ia acon-

* Apresentação sintética, em linguagem coloquial, feita no dia da defesa da tese de doutorado em teologia com especialização em liturgia, 18 de novembro de 1993.

tecendo 'dentro de mim', em relação ao hino-em-si, assim como na relação do hino com o contexto litúrgico e com a realidade pessoal, comunitária e social. Observei e registrei também como o hino (ou partes do mesmo) entrava em diálogo com a realidade ao longo do dia, e alimentava uma atitude de oração e contemplação que pretendia ser permanente. Durante dois anos, várias pessoas participantes de comunidades eclesiais de Novo Osasco, fizeram trabalho semelhante com o mesmo hino, também durante o tempo pascal.

Explicando melhor: seguimos durante o canto do ofício um método parecido com a *lectio divina* ou leitura orante (já mais conhecida entre nós nestes últimos anos, pela publicação da coleção '*Tua palavra é vida*'). Concretamente, obedecemos os quatro passos (ou dimensões) do tradicional método de leitura bíblica, sistematizado sobretudo por Guigo, o cartuxo (1083-1136):

Lectio (leitura): cantamos o hino, levando a sério sua forma, prestando atenção a cada palavra, aos símbolos, à melodia, ao ritmo, à cadência das frases, procurando apreender suas imagens em toda a sua amplitude cósmico-bíblico-litúrgica, apreendendo não só com a razão, mas com todo o

nosso ser: nossa mente, nosso corpo, nosso coração. Cantamos o hino, fazendo dele um 'gesto sonoro', assumindo sua função litúrgica e nos deixamos atingir pela força poética, musical e sacramental do hino. Fora do momento especificamente litúrgico, pesquisamos a origem e evolução do hino, fizemos análise literária do texto e análise da música; aprofundamos as imagens bíblico-litúrgicas (água que sai da pedra; sol que surge na noite; Deus se irmanando na dor de sua paixão, dor de parto de um mundo novo; o sertão se abrindo em flor).

Meditatio (meditação): cantando, procuramos seu sentido profundo, escondido. Entendemos que o Senhor está falando conosco hoje através do hino. O que o hino enuncia objetivamente, acontece hoje conosco, no momento da celebração e na vida. Descobrimos a importância da repetição, consciente e sensível, como linguagem do amor. Descobrimos a vantagem da memorização. Entramos no processo de atualização, identificação, associação e apropriação, pelo qual estabelecemos a relação entre o hino e nossa realidade atual, pessoal, comunitária e social, fazendo com que o hino se torne, a cada execução, palavra viva e penetrante. Exercitamos a vigilân-

cia interior, a atenção a nós mesmos, a concentração atenta (a '*népsis*', diziam os pais do monaquismo oriental). Desta forma, o hino 'cresceu' conosco ao longo da experiência, porque deixamos que acolhesse e iluminasse as nossas vidas e vice-versa. Da interligação hino/realidade atual, destacamos os seguintes aspectos: o impossível se torna possível; nossas vidas se parecem com uma ladainha de dor; a irmandade na dor vem acompanhada da irmandade na ressurreição; vivemos uma páscoa da cruz; sentimos a impotência diante do opressor, porém, invade-nos a teimosia pascal; ficamos atentos aos sinais de vida e os celebramos.

Oratio: cantando e meditando o hino, ele se transformou em oração, desde a primeira até à última palavra, no seu conteúdo, como na sua melodia e seu ritmo, nas associações que fizemos com a realidade ou com outros textos bíblicos.

Detectei cinco grupos de expressões orantes, que foram trabalhadas uma a uma na análise da experiência: louvor, admiração, ação de graças, alegria; interrogação, indignação, interpelação, protesto; clamor, pedido e súplica, intercessão; consolo, confiança, esperança, entrega e, por fim, as

lágrimas. Percebemos a oração como uma ação conjunta entre nós, povo sacerdotal, e o Espírito.

Contemplatio: Na América Latina aprendemos a ver o rosto de Deus no rosto dos pobres, na sua realidade dura e sofrida de miséria e opressão, assim como na sua luta e resistência. Assim, contemplação é para nós espera ativa e vigilante do Reino, dentro desta realidade. Na liturgia, este conhecimento de Deus nos é dado ao fazermos memória comunitária das revelações e intervenções de Deus na história do povo eleito, tendo como ponto de referência a vida, morte-ressurreição-glorificação de Jesus, o Cristo. Graças à índole simbólico-sacramental da liturgia, as realidades significadas são sabidas/saboreadas; operam em nós, pela ação dinâmica do Ressuscitado e de seu Espírito, a transformação que anunciam. Nenhuma mudança a nível comunitário e social pode prescindir desta transformação na raiz espiritual (radical) das pessoas envolvidas. Mas para que esta ocorra, é preciso ultrapassar a superficialidade de uma execução ritualista e as impressões subjetivas, para se entregar à profundidade do mistério celebrado em comunidade.

Concretamente, qual foi a transformação pascal operada em nós

pelo hino *Cristo Ressuscitou?* Cantando, meditando e orando o hino, o medo sumiu ou diminuiu e criamos coragem, assumimos o compromisso; a esperança cresceu e o ânimo. A realidade dura da vida e o sofrimento causado por tanta injustiça, não foram tirados, mas vistos à luz de Deus, vividos na certeza de sua presença. Enxergamos de modo diferente a vida, as pessoas, o próprio Deus. E brotou mais forte a alegria.

1.3. Ao conjunto deste 'trabalho' (incluindo o que fizemos com o hino e o que o hino fez conosco), chamamos de '**experiência litúrgica**'. Esta foi a categoria básica de teologia litúrgica com a qual trabalhamos. Não a encontramos pronta; tivemos que forjá-la. Para tal, recorreremos a estudos sobre experiência de Deus, experiência do divino, experiência de Deus na liturgia, e principalmente à categoria de 'experiência ritual' usada por Oliviero e Orel, num artigo publicado em 1990. Oliviero & Orel definem a experiência litúrgica como sendo a interação entre o 'ator' e os outros elementos do rito: o referente, o sinal e os efeitos. De que maneira acontece esta interação? Que tipo de relação o ator estabelece com estes elementos? O ator subjetiviza as objetivações do rito: os perso-

nagens, papéis, valores. Aceita o rito como um caminho, uma via, uma pedagogia de crescimento e conhecimento (no sentido amplo, isto é, não somente no sentido racional, mas também afetivo). No encontro entre a proposta do rito e a minha busca de sentido, nasce a experiência. Melhor: entrando pessoalmente dentro da proposta do rito, assumindo-a como sendo minha, experimento o rito com todos os seus elementos.

No caso da experiência litúrgica com o hino *Cristo ressuscitou*, como atores do rito interagimos com o referente, Jesus Cristo e o mistério de sua páscoa, atualizada na páscoa do povo brasileiro. Interagimos com os sinais que expressam o referente a nível do rito: a letra, a música, a situação litúrgica do hino no ofício divino do tempo pascal. Interagimos com os seus pretendidos efeitos, deixando nos atingir pelo Senhor, através da força simbólico-sacramental do hino cantado e meditado.

Apontamos algumas das características teológico-litúrgicas da experiência litúrgica enquanto experiência ritual: é uma experiência pascal, comunitária, misteriosa, memorial (subjetivada por cada participante); é uma experiência sacramental, escatológica, marcada pelo momento histórico

e pelo lugar cultural, onde a celebração expressa esta vivência atual de nossa fé na cultura da comunidade celebrante. Lembramos ainda as características próprias de uma experiência litúrgico-musical.

Chegamos assim a definir o que entendemos por 'experiência litúrgica':

A *experiência litúrgica* é uma experiência ritual da ação pascalizante do Cristo Ressuscitado no Espírito, pela qual os participantes da ação litúrgica se deixam atingir e transformar gradativamente - trata-se de um processo -, naquilo que o rito significa. Isto se torna possível, na medida em que 'entram' no jogo simbólico-sacramental da liturgia, interagindo com seu significado (o 'referente') e seus significantes (os 'sinais'), ou seja, estabelecendo uma relação transformadora de escuta, aceitação, compromisso e comunhão com o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, no Espírito Santo, na comunidade reunida, convocada em determinado lugar e contexto histórico. Esta relação haverá de perdurar fora do momento ritual, dando 'sentido' (no duplo sentido de significado e direção) à vida destes participantes e assim tendo possivelmente uma repercussão transformadora, libertadora, na vida social.

1.4. O objetivo primeiro da experiência litúrgica com o hino *Cristo ressuscitou* foi o aprofundamento do potencial celebrativo e espiritual-litúrgico da música na liturgia, indicando para tal pistas metodológicas e pedagógicas. Dito de outra forma, queria saber o que fazer com os cantos, e com a música de modo geral na liturgia, para que liberem em nós toda a sua força. Qual a **relevância** disto, principalmente para a pastoral litúrgica, mais especificamente para a pastoral da música na liturgia? A música, sendo parte integrante da liturgia, merece ser levada a sério quanto à sua força simbólico-sacramental. Na cultura religiosa deste continente, a música é um elemento altamente significativo na participação e na vivência celebrativas. Na pastoral litúrgica, no entanto, esta nem sempre recebe a devida atenção do ponto de vista teológico-pedagógico-espiritual.

1.5. No final do trabalho destacamos algumas **conclusões** para a pastoral litúrgico-musical. A primeira conclusão diz respeito à qualidade teológico-espiritual e estética (poético-musical) e à adequação ritual dos cantos destinados a assumir uma função na liturgia. Isto é, necessitamos de cantos com a necessária densida-

de teologal, com referência bíblica e capacidade mistagógica, cânticos espirituais. (Cantos com conteúdos psicologizantes ou expressando sentimentos religiosos apenas, sem expressar os conteúdos da revelação, não têm como alimentar nossa fé). Necessitamos de cantos com força evocativa e simbólica, que deixam espaço para o mistério, para o silêncio meditativo, para o 'vôo' contemplativo. (Cantos com linguagem descritiva, explicativa, catequética, não expressam - e, por isso, não realizam - a relação de Aliança entre Deus e seu povo.) Necessitamos de cantos que sejam capazes de se tornar gestos rituais, possibilitando a participação no momento ritual, no tempo litúrgico e na festa do dia, adequados ao tipo de celebração.

Tudo isto supõe compositores com formação e sensibilidade não somente musicais, mas também litúrgicas. Supõe preparo e responsabilidade dos que editam subsídios para as celebrações. Supõe um mínimo de formação litúrgico-musical das equipes de liturgia, que são os responsáveis diretos pela escolha criteriosa e a execução dos cantos na sua comunidade ou paróquia. Sugere também, a longo prazo, a formação da sensibilidade litúrgico-musical de todo o povo celebrante.

O segundo trabalho a ser feito situa-se na área da pedagogia litúrgico-musical. Distinguo dois momentos diferentes, cada um com seus caminhos próprios. O primeiro momento é a própria ação celebrativa. Trata-se de aprender a vivenciar cada música como gesto ritual, como mistagogia. Trata-se de trilhar o caminho que a liturgia propõe. É algo que se pode aprender. Trata-se de cantar, vivenciando o sinal litúrgico em toda a sua amplitude poético-musical e teológico-espiritual: cantar sabendo/saboreando. Precisamos ouvir o Cristo e o Espírito cantar em nós. Além disso, a liturgia sendo uma ação comunitária, temos que aprender a cantar a uma só voz, um só coração, uma só alma, expressando/realizando a nossa comunhão, o nosso ser-comunidade, em Jesus Cristo.

Faz parte do ministério dos ministros e das ministras do canto (dos compositores, instrumentistas, salmistas e outros solistas, e principalmente dos animadores e animadoras do canto da assembleia) fazer um trabalho pedagógico com a comunidade celebrante para que chegue à vivência espiritual da música na liturgia.

Os meios que estão à nossa disposição para isso, são a *atenção* orante e amorosa que leva à

consciência, e a *repetição*. Precisamos aprender a prestar atenção à letra e à música, a nos entregar a eles, entrando dentro de sua proposta ritual, deixando que dialoguem com todo o nosso ser, com toda a nossa realidade. A repetição, do refrão principalmente, mas também a repetição do mesmo canto no mesmo tempo litúrgico e de um ano para outro, permitirá sua penetração mais profunda, fazendo com que volte espontaneamente à nossa memória ao longo do dia, fazendo-nos 'cantar no coração', ajudando assim a estabelecer a oração permanente, o diálogo permanente da Aliança com o Senhor.

O segundo momento deverá ser criado fora do momento propriamente celebrativo. Trata-se de analisar ('destrinchar') o texto, a música, parte por parte e também como um todo, enquanto gesto ritual, como meio para nos levar à oração e contemplação.

Quando seria feito este trabalho? Antes de tudo no *ensaio do grupo de cantores*. Depois, de maneira mais rápida, *nos ensaios com todo o povo celebrante*, cinco minutos antes do início da celebração. Isto supõe que se supere a dimensão puramente técnico-musical dos ensaios: como posso aprender e cantar *bem* um canto

litúrgico, se não for de forma orante? Mesmo que não possamos fazer comunitariamente um aprofundamento de todos os cantos, fazendo este trabalho com alguns deles, estaremos criando um hábito que cada pessoa de alguma maneira tenderá a usar também com outros cânticos.

No início de cada tempo litúrgico, ou antes das grandes festas ou tempos fortes, ou uma ou duas vezes ao longo do tempo comum, ou antes da festa do padroeiro ou da padroeira, poderia-se organizar um 'encontro de canto', um tipo de '*retiro litúrgico-musical*', incluindo ensaio e aprofundamento teológico-espiritual, em clima de oração e descanso ao mesmo tempo, como um lazer espiritual. Na vida corrida que levamos, este tipo de encontro pode até contribuir para diminuir nossas tensões e, assim, favorecer nossa saúde.

Uma outra sugestão é que se faça de vez em quando uma catequese mistagógica sobre os cantos da celebração durante a *homilia*, ou que se comente nela um dos cantos (principalmente o salmo), como se comenta as leituras bíblicas. Muitas homilias de Santo Agostinho podem nos servir de exemplo para isso.

Quais são os instrumentos básicos neste segundo momento pe-

dagógico-litúrgico-musical? São a *pergunta*, e o *diálogo* que se estabelece a partir dela, entre as pessoas do grupo, eventualmente coordenadas pelo animador ou agente de pastoral litúrgico. A título de exemplo elaborei, no final das conclusões, um possível roteiro de perguntas para análise meditativa de cantos na liturgia, inspirado no método da leitura orante.

II. Contribuição para a metodologia da ciência litúrgica.

2.1. A pesquisa com o hino *Cristo Ressuscitou* está inscrito num **objetivo maior, no âmbito da ciência litúrgica**: o de encontrar e analisar uma metodologia de pesquisa litúrgica que partisse da realidade litúrgica, principalmente das comunidades populares, que trabalhasse a teoria (de teologia, espiritualidade e pastoral litúrgicas) a partir desta prática celebrativa, no seu contexto sócio-político-cultural. Se possível, queria ainda envolver pessoas das comunidades no processo de pesquisa.

A pesquisa empírica ainda é pouco usada no estudo da liturgia; não temos uma metodologia elaborada. Também nos faltam uma hermenêutica litúrgica para este

tipo de pesquisa. (A hermenêutica elaborada até agora, diz respeito principalmente à análise de *textos* litúrgicos e não de celebrações ao vivo.)

No caso da pesquisa com o hino *Cristo ressuscitou*, tratava-se de estudar especificamente a experiência litúrgica feita com este hino. Estudar a experiência significa trabalhar um enfoque antropológico: voltar-se para o sujeito celebrante, no aqui e agora, e captar sua maneira de ver, sentir, compreender, interpretar a ação litúrgica da qual é co-autor. Neste caso, a fonte principal para o estudo, é a própria experiência. Como chegar a esta experiência? Como abordá-la? Como interpretá-la?

2.2. O presente trabalho **buscou um caminho**, uma metodologia (em sentido amplo) para se trabalhar litúrgico-cientificamente com esta fonte. Sem caminho traçado previamente, fui dando os passos que me pareciam levar ao objetivo. Olhando retrospectivamente o caminho percorrido, distingi sete momentos: a experiência litúrgica pessoal com o hino *Cristo ressuscitou* e seu registro em diário, a observação partilhada com o grupo de Osasco, a redescoberta do método da *lectio divina*, a sistematização do método de 'meditação' litúrgica com

o hino, a análise interpretativa dos dados obtidos na pesquisa e redação dos resultados, a devolução dos resultados devidamente sistematizados aos participantes do trabalho com o hino e coleta de dados complementares e, por fim, a análise da metodologia da pesquisa.

Aprendendo com a antropologia e outras áreas do saber, experientei, portanto, como um possível instrumento de pesquisa empírica, **um tipo de observação participante**. Esta permite, de fato, uma aproximação maior entre o objeto pesquisado e o sujeito pesquisador, necessária para se captar uma celebração litúrgica ao vivo 'por dentro'. Como, na liturgia, participar significa ser liturgo, o liturgista que usa como instrumento de pesquisa a observação participante, é ao mesmo tempo sujeito e objeto da pesquisa que realiza. A observação participante permitiu ainda, conseguir a pretendida participação de pessoas das comunidades celebrantes.

2.3. A pesquisa empírica veio acompanhada de larga **pesquisa bibliográfica**, tanto de fontes não publicadas como de obras consultadas que versam sobre: o hino *Cristo ressuscitou* (várias versões do texto e da música, assim como comentários e estudos); a função do hino no ofício divino; *lectio*

divina; experiência, experiência do divino, experiência de Deus; música, música e experiência de Deus, liturgia musical; ciência litúrgica; método antropológico e observação participante; metodologia de pesquisa em outras áreas e, por fim, outros.

Assim, no momento da interpretação, estabelecemos um **círculo hermenêutico** entre os dados da experiência litúrgica com o hino e os dados das Escrituras, da tradição litúrgica, da teologia. Olhando retrospectivamente, percebo três enfoques interpretativos: o teológico e teológico-litúrgico, o celebrativo-ritual e o antropológico. No enfoque teológico-litúrgico desponta como referência principal a teologia litúrgica do mistério pascal, em leitura latino-americana; ao lado desta, há referências à pneumatologia, eclesiolgia, à dimensão cósmica da salvação, às dimensões básicas da eucologia na tradição judaica e cristã e à sacramentalidade de toda a liturgia. No enfoque celebrativo-ritual destacamos a ação ritual como gesto simbólico, o envolvimento pessoal, a participação ativa e consciente..., como elementos constitutivos da ação litúrgica. O enfoque interpretativo antropológico principal, presente na interpretação do hino, é

o da importância da experiência, como envolvimento da pessoa como um todo, com sua inteligência, vontade, afetividade; com sua dimensão consciente e inconsciente; dentro de seu contexto sócio-político-cultural.

2.4. As **conclusões** no tocante à experiência de pesquisa, dizem respeito principalmente à abordagem da realidade litúrgica, mais especificamente ao uso da **observação participante**. Esta é um instrumento indicado sempre que se quer *partir da celebração real, ao vivo*. É indicado principalmente quando se pesquisa *a visão, a consciência* que os participantes têm da liturgia da qual participam.

Permite analisar não somente o aspecto ritual-celebrativo, mas ainda a *teologia primeira*, o sentido teológico fundamental, presente na celebração, na interpretação dos participantes. A partir desta teologia primeira, é que se estabelece o círculo hermenêutico, o diálogo com a Tradição. Evitamos assim que a teologia litúrgica venha como um elemento estranho, de fora da comunidade, não levando em conta a riqueza espiritual presente na vivência do povo celebrante.

Pelo método da observação participante do jeito que propomos aqui, a própria comunidade pesquisada é envolvida neste diá-

logo, de modo a *se apropriar de um conhecimento teológico-litúrgico crescente, partindo de sua própria vivência*.

O método é fecundo também na dimensão espiritual da liturgia. Pelo fato das pessoas observarem sua própria experiência, aumenta a qualidade de sua participação e ajuda a transformar a liturgia num acontecimento espiritual.

Pensando no processo de renovação pela qual passa constantemente qualquer liturgia viva, a observação participante com envolvimento do povo celebrante é um instrumento indispensável, para quem não quiser impor mudanças 'de cima para baixo'. De fato, possibilita trabalhar a *consciência* do povo celebrante, levando em conta o que sente, pensa, observa, espera.

A valorização da experiência pessoal dos participantes da pesquisa, vem de encontro à necessidade que as pessoas têm de serem ouvidas, consideradas e valorizadas, principalmente nas grandes cidades, onde a massificação e a despersonalização andam crescendo.

III. Considerações finais.

3.1. O **esquema geral** do trabalho procura dar conta da complexidade da dupla experiência: a

experiência litúrgica com o hino *Cristo ressuscitou* e a experiência de pesquisa. Depois da introdução, o primeiro capítulo trabalha a categoria fundamental, que é: 'experiência litúrgica'. O capítulo 2 faz o histórico da dupla experiência, situa os sujeitos da mesma e introduz no método da leitura orante (*lectio divina*) do jeito que foi usado na experiência litúrgica com o hino. Os capítulos 3, 4, 5 e 6 relatam e analisam a experiência litúrgica com o hino. O capítulo 7 analisa a experiência de pesquisa feita com a dita experiência litúrgica. No final do capítulo 7, foram trabalhadas duas considerações complementares: ciência litúrgica feito por uma mulher e a dimensão pedagógico-pastoral presente no trabalho. As conclusões, já mencionadas acima, acompanham a dupla temática da pastoral (mais especificamente a espiritualidade) litúrgico-musical e da metodologia da ciência litúrgica, principalmente no que diz respeito à abordagem da realidade litúrgica.

3.2. Há uma **insistência na vivência subjetiva, intuitiva e místico-afetiva (considerada 'feminina')** da liturgia, para corrigir a tendência verbalista e racionalista (considerada 'masculina'), tão contrária ao jeito cultural das

expressões religiosas do povo brasileiro e latino-americano, onde o 'fervor' religioso é uma forte característica. A dimensão subjetiva é, além disso, uma característica da cultura atual de nossa sociedade, que tende, no entanto, ao subjetivismo e ao individualismo. O trabalho busca o equilíbrio entre o polo da objetividade e o da subjetividade, o 'casamento' entre 'liturgia objetiva' e 'liturgia subjetiva', entre razão e afetividade.

3.3. O **trabalho interessará** às pessoas que trabalham com a música na liturgia, como compositores, responsáveis pela divulgação de subsídios litúrgicos, formadores e animadores da música na liturgia, corais e equipes de canto e aos agentes de pastoral litúrgica e das comunidades de modo geral. Interessará igualmente às pessoas que se interessam pelo método da leitura orante e às que desejam e procuram uma vivência espiritual profunda nas celebrações, capaz de alimentar sua fé nos tempos áridos em que estamos vivendo. Será útil aos formadores, pregadores e organizadores de retiros, que podem contribuir para redescobriremos o veio da espiritualidade litúrgica. Interessará, finalmente, aos estudiosos da liturgia que procuram uma aproximação maior entre teoria e prática, principal-

mente tendo como ponto de referência as comunidades populares, que estão buscando uma liturgia que seja expressão celebrativa das feições latino-americanas da fé cristã.

Ione Buyst é Doutora em Teologia Dogmática com especialização em Liturgia.
Endereço: Av. Nazaré, 993
Ipiranga - SP - CEP 04263-100

O CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (IV E V)*

Pe. Dr. Beni dos Santos

A VIDA EM CRISTO E NO ESPÍRITO

Alguns anos antes do Concílio Ecumênico Vaticano II, iniciou-se um movimento de renovação da Teologia Moral, procurando superar, sobretudo, o legalismo e o casuísmo presentes nos manuais tradicionais. Fruto desse esforço de renovação são, por exemplo, as obras de **Émile Mersch**, *Morale et Corps Mystique*¹ e de **B. Häring**, *A Lei de Cristo*, editada em três volumes no Brasil². Estas obras se fundamentam, antes de tudo, na originalidade da moral cristã: o seguimento de Jesus Cristo e a graça, enquanto dinamismo do Espírito que envolve a ação humana. O Concílio Ecumênico Vaticano II assumiu a contribuição desse esforço de renovação da Teologia Moral e traçou o rumo geral para o

seu prosseguimento: "*Consagre cuidado especial ao aperfeiçoamento da Teologia Moral, cuja exposição científica, mais alimentada pela doutrina da Sagrada Escritura, evidencie a sublimidade da vocação dos fiéis em Cristo e sua obrigação de produzir frutos na caridade, para a vida no mundo*"³.

Após vinte e oito anos do término do Concílio, alguns resultados da renovação da Teologia Moral são, de certo modo, conquista definitiva. Em primeiro lugar, o uso do instrumental das ciências, sobretudo da antropologia, psicologia e psicanálise, para uma compreensão da historicidade do homem, do seu fazer-se histórico como projeto, como ser inacabado. Essa compreensão foi devida à influência de algumas correntes filosóficas, principalmente o existen-

* Este artigo é a continuação do tema que vem sendo aprofundado desde a Revista No. 3, abril/junho, 1993. Desta vez está dividido em dois capítulos: o capítulo IV, aborda a questão da **Moral do Novo Catecismo**; o capítulo V, aborda a questão da **Oração**.

1. Desclée de Brouwer, Paris/Bruxelles, 1949.

2. Herder, São Paulo, 1964.

3. Optatum Totius, n. 16.